



A “LINGUAGEM DE INSERÇÃO” NO MATERIAL IMPRESSO PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

THE "LANGUAGE INSERTION" NO PRINTED MATTER FOR DISTANCE EDUCATION

Eli Pereira da Silva¹
 Kyldes Batista Vicente²
 Maria Lourdes F. G. Aires³

[...] todos nós, seres humanos, somos tecidos pela linguagem [...] *Maria Simone V. Schwengber*

RESUMO: Este artigo trata da linguagem do material impresso produzido para a Educação a Distância, na Fundação Universidade do Tocantins (Unitins), tendo como focos a linguagem dialógica e a linguagem como processo interação (Bakhtin), a ideia de repertório (Paulo Freire), professor fictício e “linguagem de inserção” (noções da Teoria da Literatura) e aluno virtual (Pierre Lévy). O objetivo é construir, a partir dessas noções, um conceito de linguagem da EaD-Unitins, considerando-as numa perspectiva que envolve elementos da Teoria da Literatura e o processo de virtualização, segundo o compreende Pierre Lévy.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem de inserção; material impresso; educação a distância; interação; repertório.

ABSTRACT: This paper studies the language of printed material developed for Distance Learning, in Fundação Universidade do Tocantins (Unitins), focusing its attention in dialogue language and the language as an interaction process (Bakhtin), repertoire (Paulo Freire), fictional professor and “language of integration” (from the Literary Theory), and virtual student (Pierre Lévy). The aim is to design, from these notions, a concept of EaD-Unitins language, considering them in a perspective which holds elements from Literary Theory and the process of virtualization, according to Pierre Lévy.

¹ Doutor em Letras (FFLCH-USP), Mestre em Educação (UnB), Professor do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

² Mestre em Letras pela UFG, aluna do Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), Professora da Fundação Universidade do Tocantins (Unitins).

³ Doutora em Educação Brasileira pela UFBA, Mestre em Educação (UFG), Professora da Fundação Universidade do Tocantins (Unitins).



KEYWORDS: inclusion language; printed material; distance learning; interaction; repertoire.

A partir de noções advindas da Teoria da Literatura, este artigo procurará discutir a linguagem utilizada na elaboração de material impresso para a Educação a Distância. O foco é buscar em Bakhtin (a linguagem dialógica e a interação pela linguagem) e Paulo Freire (repertório) elementos para entender a lógica da linguagem de inserção, linguagem dialógica assimilada pelos autores de textos para o ensino a distância.

Nosso texto será conduzido em partes: em primeiro lugar, a linguagem dialógica, a linguagem como processo de interação; depois, a noção de professor fictício; um terceiro momento será destinado ao estudo do conceito de aluno virtual. Tudo isso para que possamos chegar a ideia de linguagem de inserção.

2. Desenvolvimento

a) Linguagem dialógica, linguagem como processo de interação e repertório

O que distingue as ciências humanas das outras ciências é o fato de seu objeto de investigação ser o texto (ou o discurso). As ciências humanas focam o homem como produtor de textos: “[...] o homem não é só conhecido através dos textos, como se constrói enquanto objeto de estudos nos textos ou por meio deles [...]” (BARROS, 2005a, p. 26).

Ao considerar o texto como objeto das ciências humanas, Bakhtin identifica duas concepções diferentes do princípio dialógico: a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos. Esse teórico compreende que, nas ciências humanas, tanto o objeto quanto o método são dialógicos.

Na condição de objeto, o texto é artefato de significação (o texto significa), produto de uma enunciação feita em um determinado contexto sócio-histórico e dialógico, uma vez que se define pelo diálogo entre os interlocutores e, também, pelo diálogo entre outros textos. Além disso, o texto é único e não-reproduzível.



Segundo Barros (2005), para Bakhtin, as relações entre o sujeito da cognição e o sujeito cognitivo (a ser conhecido), nas ciências humanas, são relações de comunicação entre Destinator e Destinatário: “O sujeito da cognição procura *interpretar* ou compreender o outro sujeito em lugar de buscar apenas conhecer o objeto” (BARROS, 2005a, p. 28, grifo do autor). Isso porque a compreensão é uma espécie de diálogo. Por isso, ela está para a enunciação como uma réplica está para a outra no diálogo. Para Bakhtin (1978, p. 132), “Compreender, portanto, é opor uma contrapalavra à palavra do locutor”.

A concepção de linguagem de Bakhtin é dialógica, o que reflete o entendimento de que o ser humano é definido pela alteridade e depende do outro para sua concepção, uma vez que é impossível pensar no homem sem ter em consideração as relações que o ligam ao outro. Para Bakhtin citado por Barros (2005a, p. 28), “a vida é dialógica por natureza”.

Conforme já indicado anteriormente, Barros (2005b) informa que os escritos de Bakhtin apresentam duas noções de dialogismo: dialogismo entre interlocutores e dialogismo entre discursos. No primeiro caso, que nos interessa aqui, admite-se que

É na interação entre interlocutores que reside o princípio fundador da linguagem. [...] O sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos; a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto (BAKHTIN, *apud* BARROS, 2005b, p. 30-31).

Em face disso, o discurso não é individual: ele se constrói entre, pelo menos, dois interlocutores, por sua vez, seres sociais. Não é individual também por causa de suas relações com outros discursos. Enfim, a linguagem é, por constituição, dialógica. Barros distingue **dialogismo e polifonia, usados, algumas vezes, como sinônimos**. Segundo essa autora, o primeiro termo refere-se ao "**princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso**" (2005b, p. 35), e o segundo é empregado para "caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o **dialogismo se deixa ver**, aquele em que são percebidas muitas vozes [...]" (2005b, p.35).



Nos textos polifônicos, são percebidas muitas vozes, o que faz oposição aos textos monofônicos, que dissimulam os diálogos que os constituem. O diálogo é condição da linguagem e do discurso. No entanto, há textos monofônicos e polifônicos, em harmonia com as estratégias discursivas empregadas.

Enfim, os textos polifônicos são aqueles nos quais os diálogos entre discursos ficam patentes. Nos textos monofônicos, ao contrário, esses diálogos não se deixam perceber: estão ocultos sob a configuração de discurso único, de uma voz que ecoa isoladamente. Logo, não é difícil perceber que monofonia e polifonia são efeitos de sentido, resultantes de procedimentos discursivos.

Neste trabalho, utilizaremos a noção de dialogismo entre interlocutores, uma vez que consideraremos a relação entre o aluno e o autor do texto dos cadernos da EaD-UNITINS. No que se refere ao aluno, o elemento que apresenta para construir a relação com o conteúdo apresentado pelo autor no caderno é seu repertório: o aluno traz o seu repertório para interagir com o discurso do autor.

Mas o que se compreende por repertório? De acordo com Paulo Freire (1987), repertório é o conjunto das experiências que o aprendiz traz para escola, resultado das vivências cotidianas em um contexto sócio-histórico específico, para dialogar com o conhecimento sistematizado com o qual entrará em contato na instituição escolar. O repertório identifica o sujeito: é sua visão de mundo. Não é um simples discurso, mas envolve “[...] rotinas, instrumentos, maneiras de fazer, gestos, signos, símbolos, ações ou conceitos que o aluno, como sujeito social, vem produzindo ou adotando no curso de sua existência e que passam a ser parte de sua prática”. (WENGER, 2006, s/p). Sendo assim, o repertório do aluno é mais que um discurso. Envolve, além de palavras, o não-dito, e é mais que um pano de fundo para a construção do conhecimento. Talvez se possa dizer que ele, o repertório, seja uma espécie de chão do qual nasce o novo conhecimento, auxiliado pela percepção que o autor dos textos possui dos alunos virtuais a partir de conhecimentos preliminares, tais como a consciência da realidade educacional brasileira, os problemas enfrentados pelo ensino público e o perfil do aluno que ele elabora por meio dos fóruns e chats.



Não se pode afirmar a ocorrência de uma relação cem por cento do conteúdo apresentado pelo autor no caderno de conteúdos e o repertório do aluno. Entretanto, pode-se arriscar a possibilidade de que ocorram pontos de contato, a partir dos quais dar-se-á o primeiro passo na construção do conhecimento pelo aluno, cuja expansão dependerá, apenas, de seu empenho individual e da habilidade de contrapor sua palavra à palavra do autor, o que resultará do exercício contínuo da autoaprendizagem.

b) Professor fictício

A compreensão de professor fictício que será utilizada nesta análise inspira-se no conceito de narrador da teoria da narrativa. Quando a teoria da narrativa fala em elementos fundamentais do texto narrativo, ela se refere aos personagens, tempo, espaço, enredo e foco narrativo.

O foco narrativo é o mesmo que narrador, um elemento ficcional como os demais elementos essenciais da narrativa, criado pelo autor, para conduzir a apresentação dos fatos que constroem o enredo, sucessos e ações vivenciados pelas personagens. Isso significa que narrador não é sinônimo de autor. Este é o elemento civil que assina o texto. O narrador, por sua vez, é o elemento ficcional, criado pelo autor, para narrar os acontecimentos que compõem a história apresentada por uma novela, conto ou romance.

Reis e Lopes (2002, p. 257) consideram que “Se o **autor** corresponde a uma entidade real e empírica, o **narrador** será entendido fundamentalmente como o **autor textual**, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o **discurso**, como protagonista da **comunicação narrativa**” (grifos do autor). A entidade que toma a palavra numa narrativa, conforme já se afirmou anteriormente, é tão fictícia quanto a personagem de quem narra as peripécias. Trata-se, portanto, de um sujeito com existência textual, assim como o é a personagem de quem ou sobre quem fala e o narratário, a pessoa a quem o narrador se dirige.

Confundir o narrador com o autor seria ignorar que aquele é uma invenção deste, que pode projetar sobre aquele atitudes ideológicas, éticas, culturais, etc. que defende, mas isso não significa



que o faça de forma direta e linear. Ao contrário, recorre, para isso, a estratégias ajustadas à representação artística dessa atitude, como por exemplo a ironia.

As funções do narrador não se limitam ao ato de enunciação que lhe é atribuído: protagonista da narração, ele é detentor de uma voz. Essa voz pode ser observada em nível do enunciado, por meio de vestígios mais ou menos discretos de sua subjetividade, articuladores de uma ideologia ou de uma simples apreciação particular acerca dos eventos relatados e das personagens consideradas.

Tendo como referência a ideia de que o narrador é uma criação do autor do texto e, portanto, um elemento fictício, e que esse elemento dispõe de uma voz, criou-se a categoria “professor fictício”. Esse construto pode ser explicado da seguinte forma: se a linguagem empregada nos textos dos cadernos da EaD-UNITINS é uma linguagem dialógica, isso implica a ocorrência de diálogos entre interlocutores e diálogos entre textos. No primeiro caso, o que acontece são relações de comunicação entre destinador e destinatário.

Essas relações, no caso específico dos cadernos, têm um objetivo: levar o destinatário a construir o seu próprio conhecimento. É aqui que entra o “professor fictício”, elemento criado pelo autor do texto para estabelecer a mediação entre ele e o aluno virtual na compreensão do conteúdo apresentado. Isso configura um texto marcado pela presença frequente e incisiva de uma segunda voz, que não é a voz do autor, mas desse “professor fictício”, elemento responsável por dissecar o conteúdo e torná-lo mais acessível às condições de compreensão do aluno virtual, a partir do repertório por ele apresentado, despertando-o e convocando-o para o processo de interação.

Mas o que seria o aluno virtual? Esse conceito será apresentado no próximo item.

c) Aluno Virtual

A compreensão acerca da virtualidade não é propriamente uma criação da modernidade tardia: filósofos clássicos como Aristóteles e Heráclito já debatiam sobre o assunto no século VI a.C., quando elaboravam os conceitos de movimento e virtual. Desde então, o conceito de virtual explica a mutação do espaço e do tempo, aspectos fundamentais às atividades humanas.



Segundo Lévy (1997), a palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado, por sua vez, de *virtus*, força, potência. Na filosofia aristotélica, o virtual é aquilo que existe em potência e não em ato. Uma das características do virtual é ter a condição de atualizar-se, prescindindo da concretização efetiva ou formal. Lévy assenta sua base do conceito de virtual enfatizando, particularmente, as alterações por ele produzidas nas concepções de espaço (desterritorialização) e de tempo (desprendimento do aqui e agora). Dessa forma, ele defende que o virtual usa novos espaços e novas velocidades, problematizando e reinventando o mundo.

O conceito de virtual como potência e não como ato aproxima-se do conceito de narratário, outro elemento da teoria da narrativa. Assim como ocorre com o conceito de narrador, o de narratário exige a distinção relativamente ao leitor real da narrativa: o narratário é uma entidade fictícia, um ser de papel, cuja existência é puramente textual. Ele depende diretamente de outro ser de papel: o narrador, que se dirige a ele de forma expressa ou tácita. Mesmo que, para alguns autores, o conceito de narratário não se refira ao leitor ideal, nem ao leitor virtual, Umberto Eco (1986, p. 37) defende que “um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa.”

Por essa razão, aproximamos nosso conceito de aluno virtual da compreensão de narratário: como se trata de educação a distância, cujos alunos, em suas potencialidades, não são conhecidos pelos professores, estes, ao elaborar os cadernos de conteúdos, imaginam um destinatário para eles. Esse destinatário, condição imprescindível da comunicação e da significação do texto, como o narratário, é uma entidade fictícia, um ser de papel, com o qual o professor fictício entra em contato expresso, como facilitador da compreensão do texto apresentado por meio do despertar das potencialidades de compreensão do aluno virtual, aqui compreendidas como repertório.

A possibilidade de compreensão do texto produzido pelo autor e explicitado pelo professor virtual depende da linguagem utilizada pelo primeiro. Entra aqui a ideia de “linguagem de inserção”, construto que elaboramos num esforço de ampliação do conceito de linguagem como processo de interação.



d) “Linguagem de inserção”

Para esta análise, a “linguagem de inserção” se concretiza quando o autor do texto, para facilitar a mediação entre o conteúdo do texto por ele elaborado e o aluno virtual, insere, a exemplo do conceito de narrador da Teoria da Literatura, um “professor fictício” que se coloca entre ele e esse aluno, com o objetivo de levar o aluno a explorar seu próprio repertório e, ao mesmo tempo, despertar esse repertório para que processo interativo se faça, culminando com a produção do conhecimento pelo sujeito aprendente.

O que justifica a necessidade dessa inserção de um “professor fictício”? Como a modalidade de ensino a distância é não-presencial, duas questões se colocam: não sabemos de fato quem é nosso aluno; precisamos garantir que ele construa seu próprio conhecimento a partir dos conteúdos que lhes são apresentados, na interação com o repertório que traz de sua vivência empírica. A primeira questão é resolvida com a noção de aluno virtual, compreendendo-o como um destinatário a quem o autor se dirige. Para garantir que esse aluno virtual construa seu próprio conhecimento por meio da interação do conteúdo apresentado pelo caderno e o repertório que traz para a universidade, desenvolvemos a ideia de “professor fictício”, elemento responsável por potencializar o processo de interação. Ao fim e ao cabo, o “professor fictício” é um esforço de, embora na não-presencialidade, fazer um professor presente quando do estudo realizado pelo aluno virtual.

Considerações

Claro está que este texto, por sua natureza preliminar, não esgota o assunto, apenas provoca a necessidade de uma reflexão sistematizada acerca do material impresso EaD-UNITINS, na medida em que as necessidades de garantir ao aluno as condições necessárias à sua formação profissional, possibilitando-lhe uma atuação segura em seu posto de trabalho, levaram-nos a construir conceitos para compreender melhor a tarefa que estamos realizando.



Referências

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1978.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIN, J.L. **Introdução à linguística**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. B179 2a ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005b, 368 p. 25-36
- ECO, U. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GERALDI, João Wanderley. **A leitura na sala de aula: as muitas faces de um leitor**. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p079-084_c.pdf, acesso em 23 dez. 2008.
- LÉVY, Pierre. **O Que é o Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- REIS, Carlos; LOPES, Maria Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2002.
- WENGER, Etienne. **Communities of practice a brief introduction**. June, 2006. Disponível em: <http://www.ewenger.com/theory/index.htm>